

O CACOETE GRAMATICAL

Gastão Reis Rodrigues Pereira

Publicado no JB – 17 Setembro 2007.

Dispomos, no Brasil, do INAF – Índice Nacional de Alfabetização Funcional. Ele nos informa que apenas 27% da população brasileira podem ser considerados funcionalmente alfabetizados. Aquele tipo de indivíduo capaz de ler e entender, por exemplo, um manual de instruções. Levando-se em conta que, no final do Império, tínhamos 20% de alfabetizados, pessoas que recebiam uma educação dita elitizada e, portanto, de boa qualidade, é razoável supor que elas fossem funcionalmente alfabetizadas. Pergunta incômoda: por que esse avanço tão medíocre de apenas 7 pontos percentuais na alfabetização funcional em mais de um século republicano? Convido o leitor a me acompanhar no esclarecimento desse mistério que tanto nos prejudica. Em especial nesta era do trabalhador do conhecimento, em que 77% da riqueza produzida é explicada pelo capital intangível (capital humano e qualidade das instituições formais e informais) contra apenas 5% dos capitais naturais (recursos naturais) e 17% dos chamados capitais produtivos (bens de capital: máquinas e equipamentos).

Na época em que estudei na Universidade da Pensilvânia (1977-1981), certa feita fui convidado por um judeu americano a comemorar o Dia de Ação de Graças em sua casa. Segundo ele, a língua explicaria boa parte dos avanços de um povo face aos demais. Sua “explicação” da riqueza e pobreza das nações não me convenceu. Anos depois, eu me dei conta de que não é propriamente a língua de cada povo que faz a diferença, mas o modo como é ensinada.

Tomemos uma aula de inglês num filme inglês ou americano. Os professores estão sempre debatendo um texto com os alunos, focados na análise e interpretação dos mesmos. Ou estão discutindo as redações feitas pelos alunos. Eu não me lembro de uma cena nesses filmes dedicada ao estudo da gramática inglesa. Isto se explica pelo fato de o inglês ser uma língua quase simplória em matéria de gramática quando comparada, por exemplo, à sofisticação e complexidade gramatical do português. O fato de a melhor gramática em língua inglesa ter sido escrita por um holandês dá bem a medida do “apreço” de americanos e ingleses por sua gramática. Recentemente, uma sobrinha e seu marido, que viveram 4 anos na Inglaterra, manifestaram-me sua surpresa com a ignorância dos ingleses em matéria de sua própria gramática. Essa suposta falha jamais os impediu de formar pessoas intelectualmente articuladas e bem sucedidas economicamente no país e no exterior.

Quem está certo em matéria de gramática, nós ou eles? Já foi dito que se os analfabetos legionários romanos, que recebiam um treinamento militar de 14 anos antes de entrar em combate, tivessem que aprender as sutilezas gramaticais do latim, Roma não teria tido tempo de conquistar o mundo. A grande diferença a favor de quem dedica a maior parte do tempo a ler e a interpretar textos é que está fazendo um exercício fundamental na nobre arte de aprender a pensar ao acompanhar o raciocínio dos autores. Por outro lado, a ênfase, muito comum nos povos de língua inglesa, no desenvolvimento da expressão escrita dos alunos os obriga a pensar a partir deles mesmos. Este enfoque está em linha com a sociedade do conhecimento, tornando essas pessoas aptas a tirar pleno proveito de seus frutos. Não é esse, entretanto, o dever de casa que vem sendo feito por nossas escolas

públicas.

Se, para Simone de Beauvoir, “escrever é um ofício que se aprende escrevendo”, podemos afirmar que pensar é um ofício que se aprende exercitando o pensamento. O caso de Machado de Assis ilustra maravilhosamente bem esse ponto crucial. Ele não caiu na armadilha gramatical que o ensino tradicional da língua portuguesa nos arma. Autodidata, leu muito, escreveu muito, pensou muito e nunca deu muita atenção à gramática em si. Ela veio como consequência natural de quem se tornou um mestre do pensamento sutil. Essa opção não o impediu de ser nosso maior escritor e de produzir literatura de primeira, assim reconhecida por críticos do mundo todo.

Dentre as muitas loucuras que temos cometido em nosso sistema educacional, como a aprovação automática dos alunos, ainda dedicamos tempo demasiado à gramática em detrimento da arte e ciência de aprender a pensar, ou seja, de ler e escrever bem. Muita atenção dada à forma e pouca à substância.

Para terminar, uma história ilustrativa dessa incapacidade de produzir gente equipada para a sociedade do conhecimento. Trata-se de um caso real de uma amiga minha empresária que resolveu implantar em sua indústria a ISO 9000, um conjunto de normas que formam um modelo de gestão da qualidade em todo o processo produtivo e administrativo. Pois bem, em determinado momento, a implantação da ISO 9000 em sua empresa empacou. Somente bom tempo depois é que ela se deu conta de que a grande maioria de suas funcionárias era funcionalmente analfabeta apesar de terem pelo menos 8 anos de escolaridade. Teve que parar a implantação da ISO 9000 por quase um ano para alfabetizá-las funcionalmente e só então concluí-la com êxito.

Conclusão: uma tristeza e uma alegria. A tristeza é constatar o grau de desperdício e incompetência do sistema educacional público que, após 8 anos, não consegue fazer com que seus alunos sejam capazes de ler e entender um manual de instruções. A alegria é ver que pessoas já adultas, quando submetidas a um ensino de qualidade, respondem à altura, desautorizando qualquer explicação idiota de incapacidade congênita de aprender. Lição final: é urgente elevar substancialmente nosso INAF. E há como.

Gastão Reis

Empresário e economista

E-mail: gastaoreis@smart30.com.br

Meu site: www.smart30.com.br